

OS SONHOS DE ZARATUSTRA E OS ARCANOS MAIORES DO TARÔ

The dreams of Zarathustra and major arcana of the tarot

*Diego Ferracini Ferreira*¹

Resumo: Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) em sua obra “Assim falou Zarathustra” (2012) apresenta uma figura místico-filosófica que ao longo de uma narrativa *poeticamente construída apresenta seus conceitos por meio de símbolos, sonhos, interpretações e interrogações. O presente trabalho pretende devolver o desafio formulado por Nietzsche, não na mesma moeda altamente valiosa, mas em alguma outra igualmente questionadora e simbólica. Portanto, serão colocados em diálogo os sonhos do profeta Zarathustra e os símbolos presentes nas enigmáticas cartas do Tarô.

Palavras-chave: Nietzsche; tarô; Zarathustra; sonhos; arcanos;

Abstract: Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) in his work "Thus spoke Zarathustra" (2012) presents a mystical-philosophical figure who throughout a poetically constructed narrative presents its concepts through symbols, dreams, interpretations, and interrogations. This work aims to provide the challenge formulated by Nietzsche, not in the same high value, but in some other equally questioning and symbolic worth. Therefore, the dreams of the prophet Zarathustra and the symbols present in the enigmatic Tarot cards will be put into dialogue.

Keywords: Nietzsche; Tarot; Dreams; Zarathustra; arcana.

TARÔ: BREVE INTRODUÇÃO

O tarô, elemento sobre o qual os sonhos de Zarathustra irão dialogar, consiste em um método oracular de origem desconhecida, mesmo que amplamente discutida pelos historiadores do assunto. O instrumento, aparentemente divinatório, consiste em um jogo de 78 cartas nas quais surgem 22 cartas ilustradas e 56 com imagens simbólicas menos ricas, mas igualmente valiosas. Alejandro Jodorowsky em sua obra “Caminho do Tarot” (2016) afirma:

¹ Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil, bolsa Capes/ Fundação São Paulo. (2018/2020). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

A palavra Tarot seria egípcia (tar= caminho, ro=real), indo-tártara (tara=zodíaco), hebraica (torá=lei), latina (rota=roda), sânscrita (tar-o= estrela fixa), chinesa (tao= princípio) etc. Diferentes grupos étnicos, religiões, sociedades secretas, reivindicaram sua paternidade: ciganos, judeus, cristãos, mulçumanos, maçons, rosacruzes, alquimistas, artistas (Dalí), gurus (Osho) etc. Encontram nele influências do Antigo Testamento, dos Evangelhos e do Apocalipse (...) dos ensinamentos tântricos, do I Ching, dos códigos astecas, da mitologia greco-latina...Cada novo baralho de cartas encerra a subjetividade de seus autores, suas visões de mundo, seus preconceitos morais, seu limitado nível de consciência. (JODOROWSKY, 2016, p.18).

Os elementos que formam a origem deste jogo enigmático são igualmente abordados por Sallie Nichols:

As teorias acerca da origem do Louco e dos seus vinte e um companheiros (os arcanos maiores) são várias e fantasiosas. Imaginam alguns que essas cartas representam as fases secretas de iniciação num culto egípcio esotérico; outros sustentam, e com maior probabilidade histórica, que os Trunfos são de origem europeia ocidental. Diversos eruditos bem-conceituados, entre os quais, A.E. Waite e Heinrich Zimmer, sugerem que os Trunfos foram forjados pelos albigenses, seita gnóstica que floresceu na Provença no século XII. Acredita-se que eles tenham sido provavelmente contrabandeados para o Tarô como velada comunicação de ideias em desarmonia com a Igreja estabelecida.(NICHOLS, 2007, p. 20).

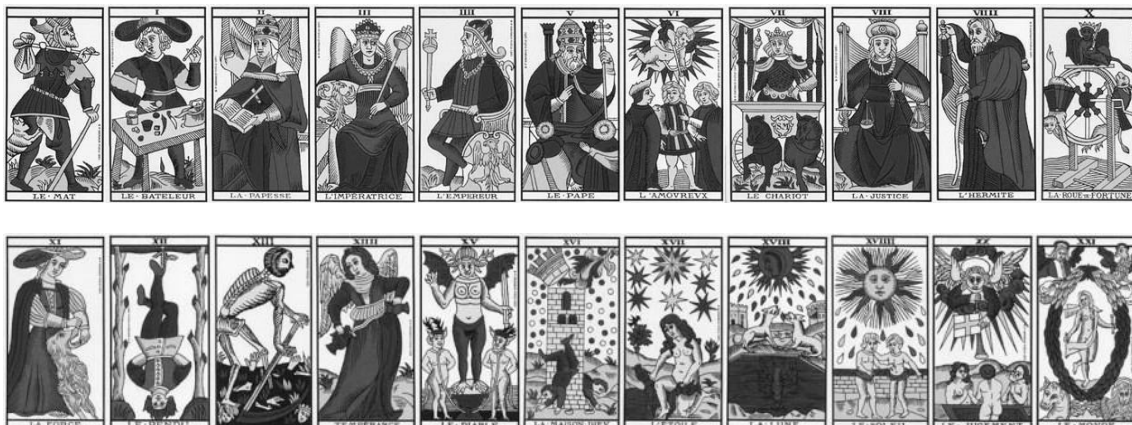
É de singular importância entre os autores que investigam a história e origem do tarô o período no qual, praticamente de forma momentânea, surgem pela Europa diversos baralhos compostos pelas enigmáticas cartas. Se há dúvida sobre sua real origem é inquestionável o momento no qual este oráculo vem totalmente à tona: O Renascimento europeu. Simultaneamente na França, Itália e Espanha surgem elaborados jogos de tarô que logo adquirem rico valor artístico. Desde período são conhecidos os tarôs de Marselha e o Sforza (Milão).

Se quisermos imaginar a origem do Tarot (já em 1337, nos estatutos da Abadia de Saint-Victor de Marselha, se proibia aos religiosos os jogos de cartas), deveríamos retroceder pelo menos até o ano 1000. Naquela época, no sul da França e da Espanha, era possível ver, em santa paz, erigidas muitas próximas umas das outras, uma igreja, uma sinagoga e uma mesquita. As três religiões se respeitavam e os sábios de cada uma delas não hesitavam em discutir e se enriquecer do contato com membros das outras (JODOROWSKY, 2016, p. 23).

Neste sentido, Jodorowsky, reconhece no tarô uma confluência religiosa das três maiores religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. A origem religiosa do oráculo é inquestionável, inclusive pela presença de símbolos notoriamente cristãos e judaicos, contudo o objetivo desta análise não seria reconstruir a história do tarô, mas sim colocar este elemento pictórico e simbólico com a obra igualmente enigmática de Nietzsche: “Assim falou Zaratustra”.

Para o diálogo que se pretende estabelecer será utilizado como referencial o tarô de Marselha, reconhecidamente um dos tarôs mais antigos e mais importantes de tal tradição oracular.

Arcanos Maiores do Tarô de Marselha:



Os arcanos maiores serão as cartas escolhidas como referencial simbólico, justamente por possuírem maior significado dentro da interpretação proposta para os sonhos de Zaratustra e as imagens elaboradas por Friedrich Nietzsche.

OS SONHOS DE ZARATUSTRA E O TARÔ

Quando Zaratustra tinha trinta anos, deixou sua casa, deixou sua casa e o lago junto à casa e foi para as montanhas. Lá ele, desfrutou de seu espírito e da solidão por dez anos, sem deles se cansar. Mas finalmente houve uma mudança em seu coração – certa manhã ele se levantou com

a aurora, colocou-se ante o sol e assim lhe falou (...). (NIETZSCHE, 2012, p. 15).

Assim como Zaratustra, os arcanos maiores do tarô claramente revelam uma jornada, a saída de alguém rumo ao desconhecido que pode ser o mundo ou a si mesmo.

A carta que inicia o percurso nos Arcanos do tarô é conhecida como “O Louco” (Fig. 1), em tal carta vemos um bufão medieval que andando por algo que parece ser uma montanha cercada de vegetação carrega somente um alforje e a caminha na companhia de um animal, pretensamente um cão, que parece lhe empurrar ou até mesmo tenta lhe reter.

Do mesmo modo que Zaratustra, o Louco do tarô parte em busca de algo, leva somente o necessário, os olhos voltados para o alto parecem contemplar o sol, parece fazer eco ao amigo e conversa com o astro soberano. Nota-se que na carta um pequeno sol é desenhado sob suas costas. Conversa com o Sol de igual para igual, pois tem o peso dos astros nas costas.

Em diversos trechos de seu caminho rumo aos homens Zaratustra será considerado e chamado de “Louco”. A loucura ostentada por Zaratustra, ou por seu amigo do tarô, não parece ser algo vergonhoso, mas uma sabedoria pelo avesso, uma sabedoria risonha que desdenha de toda ciência que não seja jovial.

O mesmo autor de *Assim falou Zaratustra* afirma em *Gaia Ciência*: “Dei um nome a meu sofrimento e o chamo de ‘cão - é tão fiel, tão importuno e impudente, tão divertido, tão esperto como qualquer outro cão (...)”. (NIETZSCHE, 2001, n.312). Poder-se-ia afirmar que o cachorro que empurra o louco adiante é símbolo de sua própria dor? Ou de outro modo que é justamente a sua dor que o tenta impedir de ir aos homens? A dor é companheira do Louco, assim como de Zaratustra. “Como tu, também eu devo ter a minha queda” (NIETZSCHE, 2012, p.16). Toda queda é dolorosa, todo deixar-se cair nas mãos dos outros consiste em um ato de extrema loucura e maior amor ainda. O Louco e Zaratustra amam, por isso sofrem.

O Louco tem um nome, mas não tem número. Único Arcano maior a não ser definido numericamente, ele representa a energia original sem limites, a liberdade total, a loucura, a desordem, o caos, ou ainda, a pulsão criativa fundamental. Nos baralhos tradicionais, ele deu origem a personagens como o Curinga, o Joker, o Comodín, ou o Excuse, que

podem representar qualquer outra carta a qualquer momento, sem se identificar com nenhuma. A frase-chave d'O Louco poderia ser: 'Todos os caminhos são o meu caminho' (JODOROWSKY, 2016, p. 139).

Serão os sonhos deste louco chamado Zaratustra que serão acompanhados neste processo hermenêutico, ou seja, estaremos em um mundo onírico onde os sonhos deste louco podem clamar pelos nossos maiores pesadelos ou expressar as mais poéticas experiências, pois até mesmo o gelo liso é paraíso para os mais exímios dançarinos².

Não ouviram falar daquele homem louco que numa clara manhã acendeu uma lanterna, correu até o mercado e gritou incessantemente: "Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!" — Como lá estavam muitos daqueles que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse outro. Ou então ele se mantém escondido? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? — assim eles gritavam e riam uns para os outros. O homem louco saltou no meio deles e trespassou-os com seu olhar. "Para onde foi Deus?", gritou ele, "eu lhes direi! Nós o matamos, — vocês e eu! (NIETZSCHE, 2001, n. 125).

O Louco nietzschiano carrega uma acusação de assassinato, traz o anúncio de uma morte, procura os assassinos, mas anuncia quase de forma jubilosa: "Eu vos ensino o Super-Homem. O homem é algo que deveria ser superado. O que fizestes para superá-lo?" (NIETZSCHE, 2012, p.18).

O Louco é andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. É o mais poderoso de todos os trunfos do tarô. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com as suas travessuras. Como vimos, o seu vigor o impulsionou através dos séculos, onde ele sobrevive em nossas modernas cartas de jogar como o Coringa. Aqui ainda se diverte confundindo o estabelecido. No pôquer fica louco, capturando o rei e toda a sua corte. Em outros jogos de cartas surge quando menos se espera, criando deliberadamente o que decidimos denominar erro de carteio (NICHOLS, 2007, p.39).

A CRIANÇA E O ESPELHO

² Cf. NIETZSCHE, F. Gaia Ciência. 2001. n.13.

Zaratustra, o Louco do Tarô nietzschiano, retorna de sua viagem aos homens, apaixonado decide fechar a mão dadivosa e esperar o nascimento da semente plantada. Pela manhã, sentado em seu leito, decide pensar sobre o sonho que o visitara durante a noite.

No sonho, como narrado por Zaratustra, uma criança o visita e mostrando um espelho pede que o contemple. No espelho o Louco percebe a figura de um diabo. Duas cartas do grupo dos Arcanos Maiores auxiliam nesta jornada: o Sol e o Diabo. Duas cartas aparentemente opostas, o brilho e a divindade do Sol em oposição ao obscuro e blasfemo mundo do Diabo. Contudo, tais cartas conversam perfeitamente entre si, não somente por meio dos sonhos de Zaratustra, mas na própria estrutura proposta pelo tarô.

Invertendo a sequência onírica apresentada por Zaratustra, o primeiro símbolo a ser interpretado será o Diabo (Fig. 2).

O Diabo, tendo sido um anjo, manifesta com sua tocha um profundo desejo de ascender novamente de sua caverna em direção ao cosmos. Da mesma maneira, a alma humana afundada no corpo carnal tem um profundo desejo de retornar à sua origem, a divindade criadora. Ele usa um chapéu de cuja aba vermelha evoca a atividade do desejo, e a massa laranja, a inteligência intuitiva e receptiva, que se prolonga até sua frente como um terceiro olho. Vesgo, ele olha fixamente para um ponto no próprio nariz, em meditação intensa. Sua expressão facial é ambígua: evoca por um lado uma profunda concentração e, por outro, uma careta infantil. Poderíamos dizer que, atravessando a capa dos medos populares que inspira, ele nos lembra que não passa de uma criação inocente, um ser cômico. Podemos também dizer que, mostrando duplamente a língua, a de seu rosto e a outra no rosto que traz na barriga, o Diabo nada esconde: ele se mostra totalmente desprovido de hipocrisia. (JODOROWSKY, 2016, p.232).

O Diabo, contemplado por Zaratustra, também ri e zomba de quem o admira. Dois seres visivelmente infantis servem de emissários do Anjo Caído que divertidamente expõe sua nudez aos passantes, no sonho de Zaratustra uma criança é a responsável por revelar o espelho onde o Louco contempla o Diabo, seria este ser infantil um dos divertidos emissários do Adversário divino?

No tarô de Marselha o Diabo parece ostentar uma espada pelo fio cortante, imagem que Jodorowsky interpreta como uma tocha, mas este fato faz referência a outro trecho de Nietzsche onde diz:

Deus está morto! Deus permanece morto! E nós o matamos! Como nos consolaremos, nós, assassinos entre os assassinos? Aquilo de mais poderoso e mais sagrado que o mundo tinha até então sangrou sob os nossos punhais — quem nos limpará deste sangue? (NIETZSCHE, 2001. n.125.)

O Diabo ostenta orgulhosamente o punhal responsável pelo fratricídio, se há alguém capaz e digno de matar Deus será necessariamente o Diabo. O Louco que havia saído ao mercado perguntando pelos assassinos de Deus é colocado perante o criminoso em um espelho, o Louco é o Diabo. Porém, não há carta que revele Deus, não há nome para este deus, logo nesta narrativa os loucos e os caídos serão os protagonistas. Contudo, o Diabo segura a espada pelo fio, não há bainha, aquele que é responsável pelo assassinato divino também se fere com o ato criminoso. Sem Deus, não há Diabo.

A segunda carta invocada pelo sonho de Zaratustra será o Sol. Jodorowsky percebe nítidas relações entre as duas cartas:

O Sol, Arcano XVIII, nos olha bem nos olhos. Há numerosos pontos em comum com o Diabo, a começar pelo fato de ambos serem um pouco estrábicos. Poderíamos pensar que o Diabo acendeu sua tocha no fogo do Sol, luz e calor primordial da divindade. (JODOROWSKY, 2016, p.257).

No simbolismo do tarô não há qualquer referência aos espelhos, contudo pela justificativa de que o próprio jogo de cartas é o espelho no qual a consciência humana se contempla em toda sua divindade e obscuridade. Na carta do Sol (Fig. 3), porém, vemos surgir duas crianças que brincam em posturas opostas, o que possibilita a afirmação de que há somente uma criança e que ela está diante de um espelho.

O Sol, em seu esplendor e poder real, é a mesma personagem com a qual Zaratustra tantas vezes dialoga em seu percurso. “Ó Tu, grande estrela! Qual felicidade seria a tua se não tivesses para quem brilhar!” (NIETZSCHE, 2012, p,15). Ou ainda: “Que fizemos nós, quando desacorrentamos esta Terra do seu Sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis?” (NIETZSCHE, 2001, n.125).

O ADIVINHO

O próximo sonho de Zaratustra aparece na obra de Nietzsche sobre o título de “O Adivinho”, tal nome não poderia ser mais propício ao recurso hermenêutico que este trabalho visa alcançar: o diálogo entre os sonhos de Zaratustra e o tarô.

O adivinho descrito por Nietzsche proclama uma grande tristeza, uma nova doutrina que é proclamada e afirma que “tudo está vazio, tudo é o mesmo, tudo já se foi!” (NIETZSCHE, 2012, p.182) Zaratustra se mostra profundamente inquieto com tal proclamação e entra em profunda tristeza. O adivinho macabro descrito por Nietzsche parece fazer eco a figura do Mago (Fig. 4): “O Mago indica um começo. O raciocínio é rápido, não lhe falta talento nem astúcia, só existe agir. Esta carta indica também a necessidade de escolher, de se decidir, de sofrer a dor do ‘tudo é possível’, que é a marca da juventude”. (JODOROWSKY, 2016, p. 147).

Contrariando a proposta de Jodorowsky, o adivinho de Nietzsche anuncia que não há nada de novo, não existem mais possibilidades, assim como o formato de seu chapéu, tudo consiste em um eterno infinito de repetições tediosas. Na interpretação tradicional o Mago representa igualmente a capacidade de mentir, o engano. “Bateleur”, nome que a carta ostenta tradicionalmente, significa justamente “acrobata”, “bufão”. A diferença entre o Louco e o Mago (bateleur) está no fato de que o louco o é por amor, o mago por profissão.

“Como se fosse um vigia e guardião noturno de sepulcros, lá estava eu, no castelo da montanha solitária da morte”. (NIETZSCHE, 2012, p.183). No sonho, que parece ter sido provocado pelo anúncio macabro do adivinho, duas cartas serão auxiliares nesta interpretação: a Torre e a Morte.

A mensagem desta carta é de um grande alívio espiritual. No entanto, antes da restauração do tarô de Marselha, via-se geralmente no Arcano XVI uma referência à torre de Babel. As interpretações mais correntes falavam do castigo do orgulho, de catástrofe, divórcio, castração, tremor de terra e ruína. Oswald Wirth, imaginou um rei e uma rainha caindo de uma torre e acrescentou um tijolo que rachava a cabeça da mulher. (JODOROWSKY, 2016, p. 239).

Zaratustra descreve em seu sonho uma torre mortuária, a torre se ergue como um monumento triunfante da morte. Neste cenário fúnebre, Zaratustra se ergue como o único

ser vivo e justamente ele vigia os mortos. No tarô de Marselha vemos uma torre que tem seu campanário arrancado pelo que parece ser um chama divina, do alto da torre caem duas figuras das quais não se sabe se estariam vivas ou mortas (Fig. 5). “Três golpes como estrondos de trovão atingiram o portão, a abóbada do teto ecoou e deu uivos por três vezes.” (NIETZSCHE, 2012, p. 183), narra Zaratustra sobre seu sonho.

Prosseguindo a descrição sobre seu sonho, Zaratustra afirma que contra ele um negro caixão foi lançado e deste caixão quando aberto saem gritos e mil gargalhadas. A carta evocada por estes símbolos poderia somente ser esta: a Morte (Fig. 6).

O erro mais difundido sobre este Arcano é o da tradição superficial que lhe dá o significado, e às vezes o nome, de “A Morte”. O peso dessa inexatidão influenciou muito a interpretação do Arcano XIII. Certamente, a figura central é esse esqueleto ceifador que, na tradição popular, representa a morte. (JODOROWSKY, 2016, p.217).

A morte no tarô, assim como a morte com a qual Zaratustra sonha, parece sorrir gostosamente enquanto trabalha. A Morte parece mais viva do que nunca, não somente ri, mas trabalha ceifando. A Morte, mesmo sendo Algo sem Nome, parecer arar a terra, limpar a terra, limpar espaços. “O que engrandece o homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma transposição e não uma queda”. (NIETZSCHE, 2012, p.22). Se o homem é uma ponte, a morte é uma viagem sobre este caminho. A Morte, como nas festividades mexicanas, parece conduzir uma festa agrícola de onde brotam cabeças reais e membros vivos, animados, que completam a dança.

OS TRÊS MALES

“No sonho, no meu sonho da última manhã, eu estava de pé num promontório – além do mundo, segurando uma balança, eu pesava o mundo”. (NIETZSCHE, 2012, p.251). O sonho dos “três males” talvez seja um dos mais simbólicos, contudo é um dos sonhos onde menos os símbolos dialoguem com o tarô. Zaratustra descreve três elementos: uma maçã madura e dourada; uma árvore frondosa de temperamento forte e um cofre aberto.

Porém, três elementos presentes no sonho apelam diretamente ao tarô: o julgamento, a balança e o mundo. As cartas do Julgamento, da Justiça e do Mundo abrem as possibilidades de diálogo com este sonho tão significativo na narrativa de Nietzsche.

A carta do Julgamento (Fig. 7) revela a cena do Juízo Final. Um anjo glorioso parece rasgar o céu, três figuras parecem sair dos túmulos e contemplam o momento final onde suas ações serão julgadas. A carta diante da narrativa de Nietzsche para estar invertida, não é Zaratustra que é chamado dos mortos para o julgamento, mas ele que julga, ele que rasga os céus e toca a trombeta final. Zaratustra é o anjo do Apocalipse. E neste momento supremo onde tudo será colocado na balança não é o medo reverente que assoma, mas um sonho consolador.

Se Zaratustra é o Anjo apocalíptico, o Mundo será a carta convocado para julgamento e neste momento a narrativa poética elaborada por Nietzsche e o tarô parecem coincidir de modo surpreendente.

A carta do Mundo (Fig. 8) no tarô é extremamente simbólica, pois justamente não mostra o mundo como algo conhecido, não revela um globo terrestre, muito menos algo ligado ao espaço. Mas revela um ser que dança em meio a animais, seres que retornarão na narrativa de Zaratustra, em meio a uma guirlanda de flores.

Os animais que simbolicamente representariam os quatro evangelistas na tradição iconográfica cristã aqui parecem emoldurar uma figura andrógina que manipulando dois bastões régios parece dançar. Símbolo do Cristo ressuscitado? Símbolo hermético da união masculino-feminino? Irrelevante. O Mundo é jovial e dança, assim como o mundo julgado por Zaratustra. “O Mundo, hoje era uma coisa humanamente boa para mim, este mundo ao qual tanto mal se atribuiu!” (NIETZSCHE, 2012, p.251). No tarô o mundo não é somente no nível simbólico algo de humano, ele ou ela é humano.

Estou aqui, na sua frente, ao seu redor e em você, com um prazer imenso. Sou um ser completo. Não há em mim nada que resista. Tudo é unidade. Cada coisa está em seu lugar, sou uma consciência invulnerável, sou a dança perpétua da totalidade. Aquele que não me conhece diz não quando todo o universo diz sim, e essa negação à minha aquiescência o conduz à impotência. Mas aquele que se torna inteiramente puro e côncavo, que me deixa entrar em si, começa a dançar comigo, a dizer aquilo que eu digo. Esse conhece o amor universal, o pensamento total, o desejo cósmico, a força de vida

impensável. Esse conhece a quintessência, a unidade de todas as energias. (JODOROWSKY, 2016, p. 272).

Zaratustra prossegue: “Quem ensinou a abençoar ensinou também a maldizer: quais são as três coisas mais malditas do mundo? Estas, eu vou colocar na balança” (NIETZSCHE, 2012, p.253). A balança de Zaratustra evoca imediatamente uma das cartas mais temidas do tarô: a Justiça (Fig. 9).

A carta da Justiça revela uma rainha em pose imponente, diferente das imagens clássicas de justiça nesta carta a donzela aparece de olhos abertos, ostenta sua espada e segura sobre os joelhos uma balança, balança na qual os pratos estão visivelmente em níveis diferentes.

Assim como o julgamento de Zaratustra, a balança da Justiça do tarô não é imparcial, ela pende, ela já se decidiu. “Volúpia, ambição de domínio e egoísmo: até agora, essas três têm sido as coisas mais amaldiçoadas e com a pior e mais injusta das reputações – irei pesar bem e humanamente essas três coisas”. (NIETZSCHE, 2012, p. 253).

A justiça, proclamada por Zaratustra em sua balança solenemente elevada sobre o mar, será dos valores até então negados. A justiça dos valores injustiçados, a justiça transformada.

Símbolo da realização, a Justiça, com sua balança, equilibra nossa vida. Mas equilíbrio e perfeição não são sinônimos de simetria. Assim como a arte sagrada dos construtores de catedrais recusava a simetria como coisa diabólica, a carta da Justiça é estruturada de maneira assimétrica: o pilar da direita é mais alto que o outro, e termina em uma pequena esfera ausente do lado esquerdo; seu colar sobe mais à direita, os pratos da balança não estão na horizontal, sua espada não é paralela à coluna do trono...Se observamos o movimento da balança, perceberemos que a Justiça influencia com o cotovelo o prato da direita, e com o joelho esquerdo o da esquerda. (JODOROWSKY, 2016, p. 187).

A Justiça, tanto na descrição do oráculo como na narrativa de Zaratustra, pode parecer grotescamente injusta. Contudo, seria igualmente correto considerar que ela simplesmente é a justiça humana, imperfeita em suas decisões, pois a perfeição é entre as

ambições dos homens a menos humana. Pois o próprio Zaratustra afirma que ama justamente aqueles não possuem virtudes em demasia.³

O CONVALESCENTE

O último relato onírico de Zaratustra a ser analisado é extrema importância, justamente por encerrar este percurso com três arcanos altamente simbólicos: a Roda da Fortuna, o Enforcado e o Eremita.

No relato apresentado por Nietzsche, Zaratustra parece acordar de um pesadelo, pesadelo tão profundo e denso que o atormenta mesmo após estar desperto. Pesadelo e realidade parecem se confundir na percepção de Zaratustra. Após um breve momento de lucidez, no qual apresenta um discurso enigmático aos seus colegas animais, o profeta de Nietzsche parece falecer, parece estar morto.

A carta do tarô que imediatamente parece fazer eco ao relato de Zaratustra é a Morte, contudo há uma carta ainda mais propícia e simbólica para este relato: o Enforcado (Fig. 10).

Na carta do Enforcado, ou o Pendurado, surge a figura de um homem que preso somente por um dos tornozelos pende sobre um abismo. Três cartas são completamente temidas em qualquer leitura oracular do tarô: a Morte, a Torre e o Enforcado. A carta traz de acordo com a leitura tradicional a mensagem de sacrifício, perda, dificuldades e até mesmo suicídio.

Contudo, o Enforcado parece muito confortável em sua situação. Parece inclusive dançar, como um artista suspenso que exerce sua arte do equilíbrio revelando o contorcionismo como habilidade. O Pendurado pode ser um contorcionista, ou simplesmente alguém deitado. A imagem tomada de forma simples revela alguém cercado por troncos que simplesmente formam uma cama onde repousa alguém tranquilamente.

O Enforcado encontra em Zaratustra seu semelhante, pois além de estar deitado como alguém morto ambos estão suspensos entre a vida e a morte, ambos parecem estar

³ CF. NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. 2012. p.23.

enforcados por uma verdade. O título de “Enforcado” não faz jus ao que é ilustrado, pois jamais alguém foi enforcado pelos pés, se enfoca alguém pelo pescoço, são palavras que enforcam e não cordas. Assim como seu colega Enforcado, Zaratustra parece muito bem um equilibrista que enquanto brinca sobre o abismo se prepara para anunciar grandes descobertas.

Esta vida, assim como tu a vives e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira! (NIETZSCHE, 2001, p. 341)

O que o Enforcado e Zaratustra parecem anunciar é o arcano mais simbólico do tarô: a Roda da Fortuna (Fig. 11). Em tal carta surge uma roda medieval movimentada por dois seres bestiais que parecem se mover alegremente em direção ao sentido oposto, do mesmo modo que o demônio de Nietzsche ao anunciar o Eterno Retorno.

A Roda da Fortuna parece estar sobre um oceano flutuante, não é somente a Roda que gira, o próprio solo sobre o qual ela se sustenta é instável. Tudo se move, tudo é movimento, tudo é vai e vem.

Tudo vai embora e tudo retorna; a roda da existência gira eternamente. Tudo morre e tudo floresce de novo; o ano da existência corre eternamente. Tudo se quebra, tudo se junta de novo; eternamente é reconstruída a mesma casa da existência. Tudo se separa e tudo se reúne de novo; o anel da existência é eternamente fiel a si mesmo. A existência começa a todo instante; em volta de cada ‘aqui’ rola a bola do ‘acolá’. O meio está em toda parte. O caminho da eternidade é curvo. (NIETZSCHE, 2012, p. 291).

A grande descoberta de Zaratustra o transforma na mais sábia das cartas do oráculo: O Eremita (Fig. 12). De acordo com a tradição do tarô o Eremita é o Louco que retorna de sua jornada em busca de iluminação, iluminação que ele ostenta diante de todos agora em sua lanterna que não parece possuir chama, pois todo ele é fogo, dinamismo, mesmo que seja representado pela imagem de um velho e cansado monge. O Eremita representa a paciência da sabedoria, a tranquilidade perante o reconhecimento de que todas as coisas retornam.

Se o caminho da eternidade é curvo, curva é a coluna do Eremita que após contemplar longamente a Roda da Fortuna percebeu que “o homem é o mais cruel dos animais para consigo mesmo” (NIETZSCHE, 2012, p. 296). O Eremita se afasta dos homens por perceber que até mesmo o menor dos homens retorna, a inferioridade humana parece a grande alavanca que movimenta a Roda da Fortuna. O Eremita Zaratustra é o mestre do Eterno Retorno, assume seu destino como uma canção e como uma profecia de solidão.

O Eremita de Nietzsche trás diante de si a lanterna do Super-Homem, do Além-Homem, o Mais-Homem; pois “todas as coisas retornam eternamente e nós mesmos também com elas e que já existimos um sem número de vezes antes assim como todas as coisas conosco” (NIETZSCHE, 2012, p. 298) afinal é desejo deste místico solitário “falar mais uma vez a palavra do grande meio-dia da terra e do homem, para anunciar ao homem, mais uma vez, o Super-Homem”.(NIETZSCHE, 2012, p.299).

Finalmente, “depois de falarem essas palavras, os animais ficaram em silêncio e esperaram que Zaratustra falasse algo para eles: mas Zaratustra não ouviu que estavam em silêncio. Ao contrário, continuou imóvel com os olhos fechados como uma pessoa que estivesse dormindo, embora não tivesse: por que estava se comunicando através de sua alma”. (NIETZSCHE, 2012, p. 300). Zaratustra é, por fim, o Eremita que não necessita mais de discurso, pois toda sua alma é um grande anúncio.

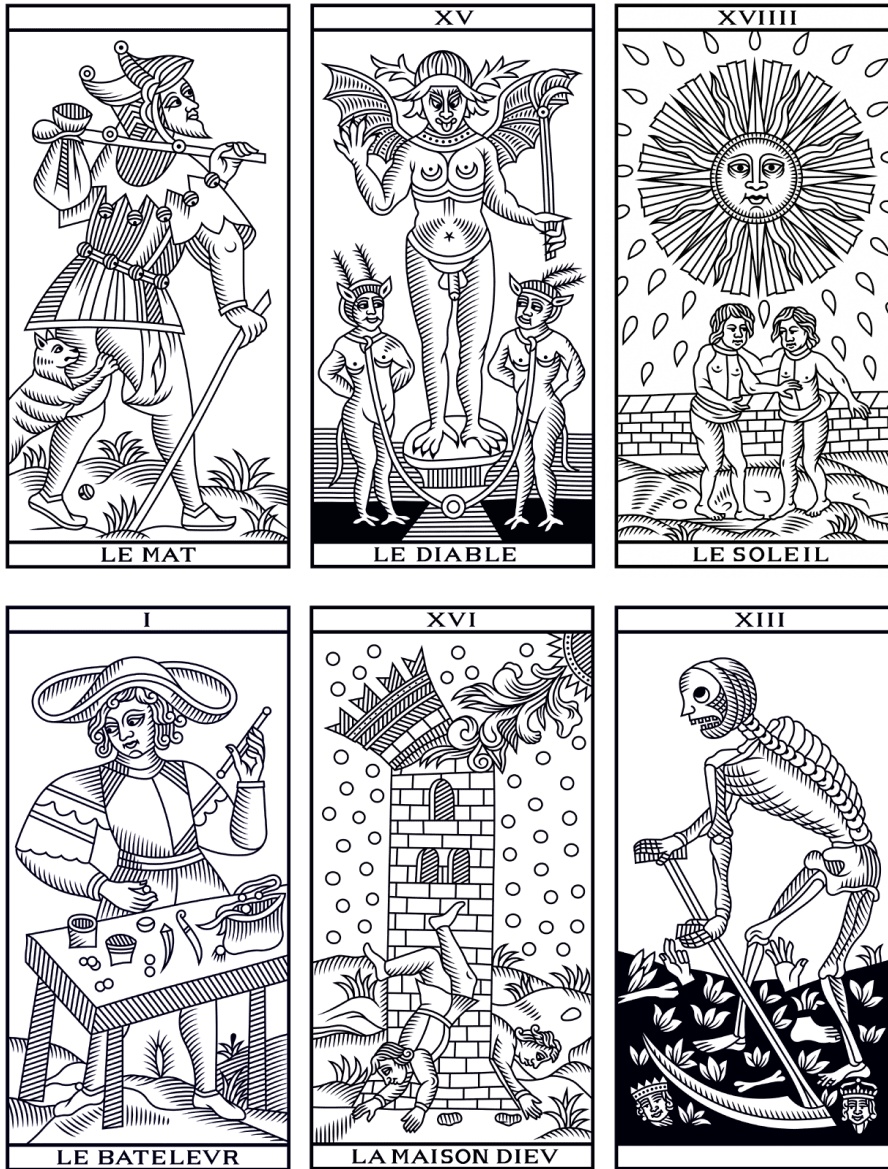
Assim como os Arcanos do Tarô, Zaratustra é aquele que pode permanecer solitário e silencioso, pois todas as palavras já foram ditas, todos os sonhos já sonhados e tudo o que já foi há de retornar, para que possa ser compreendido mais uma vez e assim por todo o sempre.

CONCLUSÃO

O diálogo entre as imagens simbólicas dos sonhos de Zaratustra, obra magistral de Nietzsche, e os elementos presentes no Tarô revelam uma profundidade inesgotável de conhecimento. Que dignos do elogio de Zaratustra, possam os interlocutores deste trabalho merecer o epíteto de “almas transbordantes” e jamais fechar os olhos e os corações aos encantos de Zaratustra e do Tarô.

ÍNDICE DE FIGURAS:

Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 em sequência:





Fonte: https://tarot-de-marseille-millennium.com/english/tarot_millennium_edition.html acessado em 28/08/2020 23h30.

BIBLIOGRAFIA

JODOROWSKY, A. COSTA, M. **O Caminho do Tarot**. São Paulo: Ed. Campos, 2016.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 2007.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.